



Fotos Capa

A imagem acima mostra a abundância da colheita dos agricultores Benno Daves e Liria Daves Goedert (pai e filha), em Linha Bandeirante, Novo Três Passos, próximo de Marechal Cândido Rondon. "Usamos adubo orgânico e sempre colhemos bem", relatou Daves. "Temos colhido um quilo de rabanete por metro quadrado." As duas famílias (Daves e Goedert), que tocam a propriedade de 10 hectares, também produzem leite e têm um pomar caseiro. "Abandonamos o aviário há tempos e temos mais liberdade, além de ganhar mais, produzindo desta forma." Já em Verê, as mulheres estão realizando cursos de cozinha, com o objetivo de resgatar a conservação dos alimentos – ter uma despensa cheia durante todo o ano. A foto ao lado retrata um dos cursos realizados por lideranças de sete municípios (Nova Prata, Salto do Lontra, Dois Vizinhos, São George do Oeste, Tapejara do Oeste, Nova Esperança do Iguaçu e Verê), com apoio do CAPA. Belas imagens do Paraná.



o recado da terra

Ano XV, número 31, agosto de 2007



A luta pelas sementes crioulas

Projeto Quilombolas lança publicação

Página 4

Qualidade na alimentação de kaingangs

Página 9



Inclusão digital em Erechim

Página 10

Una-se a esta luta

Esta edição do Recado da Terra traz, como tema principal, a biodiversidade e a luta pela preservação das sementes crioulas. Conforme disse a coordenadora do CAPA Erexim, Ingrid Margarete Giesel, em discurso na abertura da IV Festa Nacional das Sementes Crioulas (abril, Anchieta/SC), "entre as prioridades nacionais, continua o incentivo ao latifúndio exportador, o agronegócio. Quem controla as sementes controla todo o sistema alimentar. As sementes são herança comum de todos os povos e não podem ser apropriadas por organizações privadas. Ter acesso ao material genético é um direito natural da humanidade. As sementes não têm dono; elas são repassadas de geração para geração.

O poder público deve colocar mais recursos econômicos e humanos a favor da biodiversidade e da conservação das sementes crioulas. É preciso lutar pela soberania alimentar e em defesa da agricultura familiar, como uma alternativa ao agronegócio. É preciso resgatar e pôr em prática o plantio e a distribuição em massa das sementes crioulas, como uma forma de resistência popular e de superação do modelo agrícola dominante."

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IELCB).

Núcleos e coordenações

Núcleo Erexim/RS – Ingrid Giesel
capa-erexim@capa.org.br

Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
capa-rondon@capa.org.br

Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita
capa-pelotas@capa.org.br

Núcleo Santa Cruz do Sul/RS – Jaime Weber
capa-santacruz@capa.org.br

Núcleo Verê/PR – Rome Schneider
capa-vere@capa.org.br

Editora: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)

Jornalistas: Batista Weber e Rocheli Wachholz

Projeto gráfico e editoração: Cristina Pozzobon

Fotografias: Arquivo CAPA, Batista Weber, Rafael Grigoletti

Foto da capa: Balduino Berns mostra variedades de milho crioulo

O Recado da Terra circula duas vezes ao ano. Esta edição foi impressa em agosto de 2007. Para mais informações, acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras do CAPA
Fundação Luterana de Diaconia (FLD) e Serviço das Igrejas Evangélicas na Alemanha para o Desenvolvimento/ Evangelischer Entwicklungsdienst (EED).

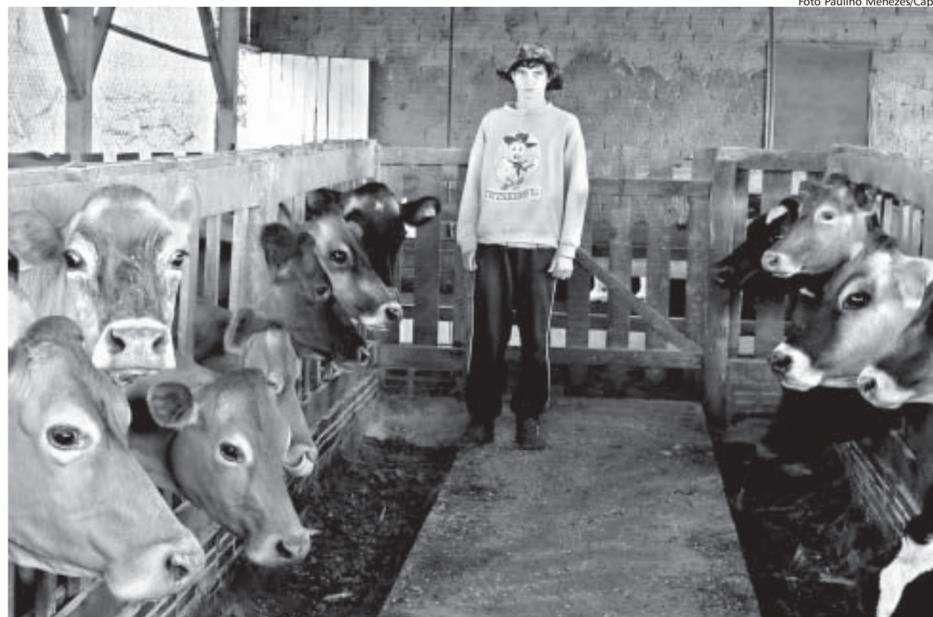


Foto Paulino Menezes/Capa

Joel, filho caçula dos Bonrhofen, mora com os pais na propriedade em Verê

Propriedade organizada melhora produção e renda

A coordenadora do CAPA Verê (PR), Rome Schneider responde sobre a melhoria da produção leiteira e o casal de agricultores Maurino e Inês Maria Bornhofen fala sobre a sua experiência nesta área.

Qual a pastagem/ forrageira/capineira mais adequada para incrementar a produção de leite?

"Na verdade, podemos dizer que não existe forrageira/capineira ruim", confirma a coordenadora do CAPA Verê, Rome Schneider. "O que precisamos observar são as condições climáticas, as condições de fertilidade do solo na propriedade e a capacidade que o agricultor tem para repor os nutrientes que foram extraídos pelo pastoreio dos animais. Nossa sugestão é que o agricultor pudesse ter uma certa diversidade de oferta de alimentos para seus animais. Particularmente, considero a grama *coast cross* uma das melhores opções.

Em 2003, implantamos e continuamos acompanhando na propriedade da família Bornhofen, em Verê, um pequeno experimento de consorciação de trevo,

cornichão e grama *coast cross*. Estamos satisfeitos com o resultado. É possível observar a convivência de ambos, sendo fundamental para a reciclagem e disponibilidade de nutrientes."

Recado da Terra: Que tipo de pastagem (ou forragem) vocês usam para as vacas de leite?

Casal Bornhofen: Nós usamos a pastagem *coast cross*, tem se mostrado a melhor para nossa propriedade, no sistema de piquetes.

O que já usaram que não deu certo?

Capim elefante roxo, talvez porque ela estava junto com *coast cross*. A grama jesuíta também não deu certo, aí lavramos fora e plantamos no verão o pasto italiano e no inverno, a aveia.

O que usam que dá certo? Como já falamos, a *coast cross*, temos a aveia no inverno e um pouco de silagem de milho também.

Qual a produção de leite (por animal)?

A produção varia bastante. Quando a vaca está de cria nova,

a produção é alta. Depois, pela natureza do animal, vai diminuindo. Nós estamos contentes com a produção de nossos animais. Em junho de 2007, com 16 vacas ordenhadas e uma já velha de leite, tivemos uma venda de cerca de 8.300 litros e recebemos em torno de R\$ 0,59 por litro. Temos ordenhadeira, tanque de expansão, sala de ordenha, sala de alimentação para as vacas – depois de tirar o leite, elas recebem a silagem e um pouquinho de ração com rolão (milho).

A produção de leite já foi menor?

Sim, quando não tínhamos organizado a parte da alimentação dos animais e a genética ainda era fraca. Melhoramos a genética com inseminação artificial da raça jérsei.

O que sugerem para outros produtores?

Sempre melhorar a atividade, organizar a propriedade, parar para planejar, ter uma média razoável de oferta para o laticínio de leite – ou seja, ter leite o ano todo. E gostar do está fazendo.

Americanos na Ecovale

Um grupo de americanos do *North West Sinod da Evangelical Lutheran Church in América* (sinodo parceiro do Sinodo Centro Campanha Sul da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IELCB), esteve em visita ao Vale do Rio Pardo (RS) no primeiro semestre deste ano. No roteiro, o grupo destacou a intenção de rever os trabalhos do CAPA e da Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas (Ecovale) e verificar os seus avanços. A visita foi acompanhada pelo pastor sinodal da IELCB, Valdir Trebien. A relação já vem de longa data. Há oito anos, representantes do mesmo sinodo da estiveram no Brasil, conhecendo as atividades do CAPA e da Ecovale.

Manual para hortas

Alimentos frescos e saudáveis – alimente-se desta ideia! Esta é a chamada para o manual Horta Caseira, organizado pela equipe do CAPA Verê (PR). As técnicas divulgadas são desenvolvidas pelos agricultores e as ilustrações são do jovem Ademar da Silva, o Cafu.

Entre os temas abordados, estão a importância da horta caseira, sua localização, manejo do solo, variedades e épocas de plantio, uso de caldas, entre diversos outros. De fácil entendimento, o manual ainda traz dicas práticas para evitar problemas e acertar na produção de hortaliças.

Meio ambiente na escola

Na Semana do Meio Ambiente, comemorada entre 4 a 6 de junho, a Cooperativa Regional de Agricultores Familiares Ecologistas (Ecovale), o CAPA e a escola Dom Alberto, em Santa Cruz do Sul (RS) realizaram atividades nas dependências da instituição escolar.

As atividades, envolvendo toda a comunidade escolar – desde séries iniciais, universitários e pais –, compreenderam palestras, realização de Feira Ecológica com produtos da Cooperativa Ecovale, exposição permanente de produtos da cooperativa e inauguração de uma cooperativa de consumo.

Ministro reafirma importância da agricultura familiar

O ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, reafirmou a importância da agricultura familiar para o Brasil e considerou que muitos avanços já foram feitos nesta área durante o Governo Lula. Ele falou em reunião com a secretaria executiva da Fundação Luterana de Diaconia – (FLD) e com a coordenação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor – (CAPA), em fevereiro, em Porto Alegre. O ministro Guilherme Cassel esteve acompanhado pelo superintendente regional do Inca-RS, Mozar Artur Dietrich, e pelo delegado federal do MDA no Rio Grande do Sul, Nilton de Bem.

A agricultura familiar é responsável hoje, no Brasil, por 11% do PIB e 34% da produção agrícola nacional. E os números não param por aí: são 4,2 milhões de estabelecimentos familiares, representando 84% dos estabelecimentos rurais no país e empregando 70% da mão-de-obra no campo.

O encontro do ministro do Desenvolvimento Agrário com a FLD e o CAPA não aconteceu por acaso. *Estamos muito interessados em obter de nossos parceiros uma avaliação do trabalho desenvolvido até agora*, disse Cassel, reforçando que ainda há muito por fazer. Um dos projetos do CAPA, em parceria com o MDA, é o Programa Rede Solidária e Participação no Programa Fome Zero – que resultou na premiação, em 2005-2006, das Melhores Práticas, concedida pela Caixa Econômica Federal.

A reunião com o ministro foi realizada na sede da FLD, que acompanha o CAPA. Estavam presentes o secretário executivo da FLD, Silvio Schneider; a assessora de projetos Ana Cristina Kirchheim; e os cinco coordenadores dos núcleos do CAPA.

Fotos Paulino Menezes



Secretário visita CAPA Rondon

O secretário estadual de agricultura e abastecimento do Paraná, Valter Bianchini, acompanhado do chefe regional da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná/Toledo, Moacir Froehlich, e do gerente regional do Instituto Emater/PR, Ivan Raupp, visitou no dia 26 de julho a sede do CAPA e o laboratório de Homeopatia que fica ao lado da mesma, em Marechal Cândido Rondon. Bianchini destacou a importância do trabalho do CAPA para o desenvolvimento sustentável da agricultura familiar, uma das prioridades do governador Roberto Requião.

O coordenador do CAPA Rondon, Vilmar Saar, agradeceu a visita, destacando o grande significado da mesma pelo fato do CAPA estar, nesse período, completando 10 anos de atividade no Oeste do Paraná. Saar ressaltou ainda que a atuação em parceria com órgãos, entidades e instituições é uma das prioridades da organização, estratégia esta que tem produzido bons frutos. Como exemplo, o coordenador destacou a exitosa parceria com o Instituto Emater/PR, que já dura mais de sete anos.

MDA adota cartilha de homeopatia

A cartilha *Homeopatia simples – alternativa para a agricultura familiar*, lançada pelo CAPA Rondon (PR) em 2006, durante a realização do I Encontro Regional de Agroecologia, está fazendo sucesso. Pelo seu acerto e simplicidade, foi reimpressa e será distribuída nacionalmente pelo Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA) e em eventos específicos organizados pelo CAPA – um deles é o Seminário Regional sobre Homeopatia na Agropecuária, 14 e 15 de setembro próximo, no Paraná.

"Marechal Cândido Rondon tem sido um dos municípios pioneiros na difusão do uso da homeopatia em plantas e no solo", lembrou o professor e pesquisador da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Carlos Moacir Bonato, um dos organizadores da publicação. De acordo com ele, a cartilha é uma ferramenta simples e acessível, com exemplos de preparados mais adequados para a região. "Fizemos, assim, uma seleção de materiais e introduzimos algumas indicações já comprovadas e outras nem tão conhecidas, para que possam ser testadas pelos próprios agricultores." A publicação é uma elaboração conjunta da UEM, do CAPA e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Burocracia vencida

A última edição do Recado da Terra traz a agricultora Mirian Britto da Costa na capa, integrante do grupo Prado Novo que criou a agroindústria Figueira do Prado, no interior de São Lourenço do Sul (RS). Mirian comentava, na matéria intitulada "As oportunidades no campo", sobre as dificuldades para a legalização da indústria. "O caminho é longo e cansativo", disse ela na ocasião. Pois a Figueira do Prado recebeu uma excelente notícia no mês de julho, quando teve legalizada a sua operação e a produção de sucos. Vale a pena festejar junto a conquista do grupo!



Projeto Quilombolas lança livro com histórias de vida

Mais de 600 representantes de comunidades quilombolas, além de convidados, estiveram reunidos em São Lourenço do Sul (RS), no dia 13 de julho, para o III Encontro Regional de Comunidades Quilombolas. O evento buscou promover o desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais, levando em consideração seus traços étnicos e culturais.

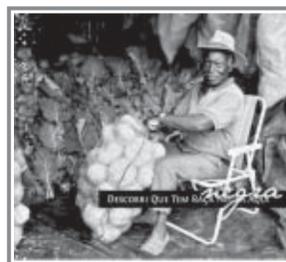
Durante o encontro, foi lançada a mostra fotográfica e o livro intitulado "Descobri que tem raça negra aqui", evidenciando o protagonismo dos descendentes de negros escravos para o desenvolvimento da região Sul do Estado do Rio Grande do Sul – através de histórias, tradições, lendas e exemplos de resistência dessas comunidades.

O título que dá nome ao livro e à mostra resgata o depoimento de Clair Flores, integrante da comunidade quilombola de Canguçu (RS). Ao rememorar suas histórias de vida e enaltecer a participação do CAPA para o fomento da cultura afro, Flores relatou que "depois desse apoio conseguimos nos encontrar. Descobri, e outros descobrirão, que tem raça negra aqui".

Muito mais do que uma exposição fotográfica, a mostra busca repartir e recontar a história



Público participou ativamente do encontro



de pessoas como Clair, suas tradições, tristezas, discriminações, lutas, alegrias e vitórias. Já o livro sistematiza o trabalho do CAPA através do relato das memórias e das experiências vividas

junto a quatro comunidades quilombolas da região de São Lourenço e Canguçu.

A sessão de autógrafos do livro, com a assinatura de cada um dos representantes quilombolas que tiveram seus testemunhos transcritos, foi um dos pontos altos do III Encontro. "Este é um livro do CAPA e das comunidades quilombolas, pois não consideramos somente o trabalho de produção teórica, fotográfica e gráfica, mas também aqueles que detêm a memória histórica", enfatizou a coordenadora do CAPA Pelotas, Rita Surita.

II ERA desafia participantes a construir uma nova sociedade

"A agricultura familiar é um modelo diferenciado que tem uma função social decisiva, garantindo a segurança alimentar e gerando empregos", disse o secretário estadual de agricultura e abastecimento do Paraná, Valter Bianchini, na abertura do II Encontro Regional de Agroecologia, a II Feira de Sementes e IV Feira Regional Vida Orgânica, que aconteceu em São Miguel do Iguçu (PR), nos dias 28 e 29 de junho. O secretário considerou ainda a agricultura familiar "gestora do meio ambiente".

O objetivo do evento, que teve como tema principal Agroecologia: O desafio de construir uma nova sociedade, foi compartilhar e aprofundar as experiências

vivenciadas, diagnosticar problemas existentes e propor alternativas para a consolidação da agroecologia na região.

O CAPA participou ativamente da organização do evento, ficando também responsável pela mística das sementes e pela oficina sobre Homeopatia animal e vegetal. Também estiveram presentes dois agricultores ecológicos paraguaios e dois técnicos do Comitê de Igrejas Para Ajudas de Emergência (CIPAE), organização parceira do CAPA que atua no Paraguai.

O II ERA foi promovido pela Prefeitura Municipal de São Miguel do Iguçu, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Itaipu Binacional e Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento.

Segurança alimentar

O técnico do CAPA Pelotas, Cleider Menegoni, foi um dos quase 2 mil delegados que participaram da III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, realizada de 3 a 6 de julho em Fortaleza (CE). O evento nacional foi resultado de um amplo processo prévio que envolveu mais de 70 mil pessoas em conferências preparatórias estaduais, subregionais e municipais, em todos os estados brasileiros. O objetivo principal foi mobilizar a sociedade e garantir a participação social pela afirmação da segurança alimentar e nutricional como um direito humano fundamental e uma expressão da soberania alimentar dos povos.

Essa é a primeira conferência nacional do setor a ser realizada após a aprovação da Lei Orgânica da Segurança Alimentar e Nutricional (lei 11.346/06, a Losan, sancionada em setembro de 2006 pelo presidente Lula). "Na minha avaliação, o encontro foi muito positivo", disse Menegoni. "Também houve um avanço no que se refere à questão nutricional e o enfoque na agroecologia, ou qualidade dos alimentos produzidos de forma ecológica. Mas ainda há muito trabalho pela frente".

De acordo com documento distribuído após o encontro, "a III CNSAN reafirmou que o objetivo da segurança alimentar e nutricional implica uma concepção de desenvolvimento sócio-econômico que questiona os componentes do modelo hegemônico no Brasil que são geradores de desigualdade, pobreza e fome e com impactos negativos sobre o meio ambiente e a saúde.

As deliberações aprovadas na III CNSAN constituem um conjunto de ações e programas prioritários cuja concretização impõe o início imediato da construção do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) previsto na Lei Orgânica. O SISAN deve contar com CONSEA's (Conselho Estadual de Assistência Social) legitimados em todas as três esferas de governo, capacitados e equipados para efetiva participação na formulação, implementação e controle das políticas de segurança alimentar e nutricional, bem como com instâncias governamentais intersetoriais que dêem efetividade às proposições emanadas dos Conselhos."

A luta pelas sementes crioulas

"O meu grande medo é com a presença das sementes transgênicas", queixou-se o agricultor Balduino Berns, de Verê (PR), enquanto mostrava sementes de milho crioulas produzidas na sua propriedade. "Se liberarem o uso, será que vamos conseguir continuar plantando orgânico? O poder do transgênico é forte e contamina as outras sementes." Faz mais de oito anos que ele não compra sementes de milho – não tem vantagem nenhuma. "Semente comprada, além do valor em si, precisa de solo corrigido para produzir. Semente crioula se adapta ao solo que se tem. É obrigação do agricultor produzir semente e preservar a sua qualidade", disse.

Seu Balduino Berns vive na região desde 1957, quando seu pai veio com 16 filhos – 12 homens e quatro mulheres –. Nem todos ficaram na terra. "Eu comprei um pedacinho em 1972, usávamos veneno mas muito pouco." Mesmo assim, seu Balduino se intoxicou três vezes e desistiu do veneno. "Limpamos tudo na enxada, muitos vizinhos acham estranho, parece que não querem trabalhar. Mais fácil é usar dessecante, dizem eles." Além da produção de milho, ele planta mandioca, feijão, tem um poteiro, uma reserva de mato e de capoeira.

Em um mundo que promove o consumo de uma forma cada vez mais agressiva, as sementes híbridas são vendidas e não servem para replantio. Não são para guardar – é preciso comprá-las sempre de novo. Como o ditado de São Tomé – Ver para crer – seu Balduino fez um teste: "comprei a semente mais cara que tinha no mercado e plantei na minha terra. Não deu quase nada para semente, só deu um tantinho". Já as variedades crioulas chegaram a produzir 120 quilos sacas por alqueire. E como dá tanto? "As sementes do meu Balduino estão adaptadas às condições da terra", confirmou a coordenadora do CAPA Verê, Rome Schneider. "Sempre vai ser mais vantajoso produzir a sua



Berns: é obrigação produzir sementes e preservar sua qualidade



Milho: sementes crioulas se adaptam melhor às condições usuais da terra

própria semente, especialmente no caso dos pequenos agricultores."

Seu Balduino tem variedades como o ferreirinha, sol da manhã, asteca e uma muito antiga, da qual não sabe o nome. "Guardo as espigas melhores e, em dia de chuva,

me sento no galpão e separo as sementes que serão semeadas no futuro. Misturo as variedades e deixo guardadas em sacos, para serem semeadas." A conservação é feita com pimenta moída, espalhada nos sacos de 30 em 30 dias.

Agricultores no resgate do saber popular

Agricultores dos Municípios de Passo do Sobrado e Candelária (RS), acompanhados de técnicos do CAPA, visitaram em abril experiências agroecológicas e de resgate às sementes crioulas.

Foram visitadas duas propriedades no Município de Ibarama. Na primeira, de Leonel Kluge, puderam conhecer suas lavouras com 11 tipos de milho crioulo. Já na propriedade de Cláudio Wagner, destaca-se o sistema de produção com ênfase na apicultura e fruticultura – pêssego e citrus – de base ecológica. Encontra-se nesta propriedade também a preservação de alguns tipos de milho crioulo.

"O resgate desta biodiversidade representa a preservação de uma base genética que contribuiu muito para a sobrevivência da agricultura familiar. Esta biodiversidade está relacionada à sustentabilidade dos agroecossistemas e à soberania alimentar" salientou o coordenador do CAPA Santa Cruz, Jaime Weber.

As experiências visitadas tiveram a participação e o apoio do CAPA há 15 anos. "Foi importante para mostrar para grupos em fase de organização que as sementes não possuem somente um valor econômico ou simbólico, mas representam uma estratégia cultural, social, política e econômica para a agricultura familiar" frisou Weber.

Agricultura familiar é modelo de sustentabilidade

“O Brasil deveria adotar a agricultura familiar como um modelo sustentável – e viável – de desenvolvimento”, afirmou o agricultor e presidente da União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (UNAIC), Cléo de Aquino Ferreira. A UNAIC localiza-se no município de Canguçu, no Rio Grande do Sul, e congrega associações e grupos comunitários rurais, caracterizando-se como uma entidade autônoma e dirigida exclusivamente por agricultores.

É fundamental mudar o jeito de lidar com a terra. “Junto com a nossa história de imigração, trouxemos um sentimento de ‘desbravar, limpar’. Também a questão do consumo está na nossa educação, como se tivéssemos que comprar sementes. É preciso dar um basta a isso, e dar um basta significa preservar o que temos”, analisou.

Cléo explica a importância da luta pela não aprovação das sementes transgênicas e pela preservação do milho crioulo. De acordo com ele, o milho é um elemento de energia fundamental para a agricultura familiar. Como está presente em todas as áreas da propriedade (manutenção dos animais, do homem etc), é uma garantia de sustentabilidade da pequena propriedade. Além disso, o milho é uma planta de polarização aberta, muito mais exposta à contaminação, seja pelo vento, seja pelos insetos. “Vão acabar com o milho crioulo, com o nosso trabalho de limpeza dos cultivos e vamos perder o que temos de mais rico em termos de sementes”, disse.

Para a UNAIC, o trabalho com as sementes crioulas ajuda a defender e a avançar na questão da agricultura familiar como modelo sustentável a ser adotado no País. Fundada em 1988, a organização possui experiências de produção de sementes de milho e de feijão desde 1994. “Criamos um banco comunitário de produção de sementes em 1997, buscando resgatar as sementes crioulas da região”, contou Cleo. Em 1999, o Banco de Sementes foi transformado em um programa, com o objetivo de devolver a tecnologia aos agricultores.

Em 2001, através de todo um

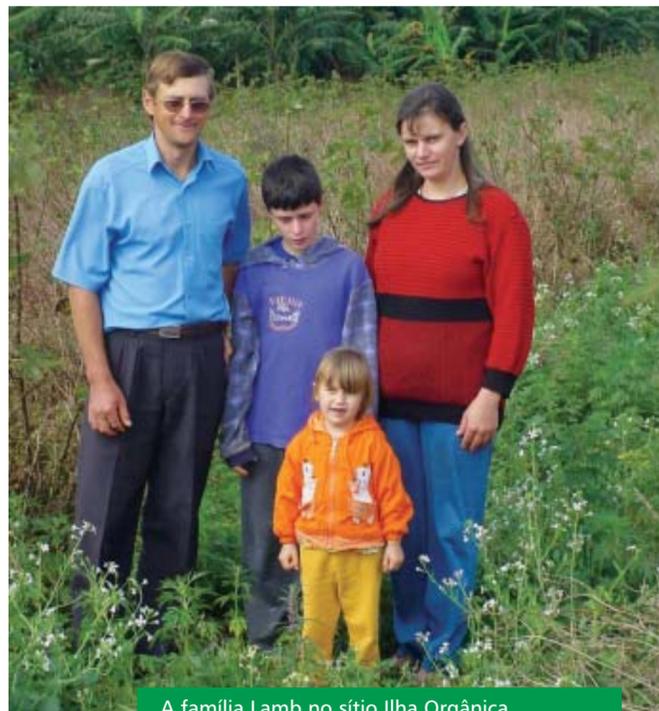


Inalda e Gilberto Peter optaram pela agroecologia

processo (incluindo seu registro como produtora de sementes junto à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Rio Grande do Sul), a UNAIC já havia produzido 50 toneladas de sementes de milho, 30 toneladas de sementes de feijão e 10 toneladas de teosinto (uma planta forrageira parente do milho). Em 2002, inaugurou a sua Unidade de Beneficiamento de Sementes, potencializando e qualificando o programa de produção de sementes.

“Quando falamos em sustentabilidade, falamos no sentido econômico, social – de qualidade de vida – e ambiental”, esclareceu Cléo. “Por isso é que afirmo que a agricultura familiar é um modelo possível de uma agricultura sustentável. Além das sementes, podemos trabalhar muitos outros elementos na pequena propriedade, como a agrofloresta, por exemplo.”

Sustento dos filhos – “Foi com o trabalho na nossa propriedade que criamos seis filhos”, contam dona Inalda e seu Gilberto Peter, que moram em Remanso (RS), próximo de Canguçu. Os filhos são Denise,



A família Lamb no sítio Ilha Orgânica

27, Demaicon, 23, Daniela, 21, Douglas, 15, Deivid, 13, e Daiana, 10 – a “última carta da manga”, diz dona Inalda, rindo. Logo depois de casados, o casal plantava soja e tinha produção de leite. Em 1989, foram seduzidos por uma grande fumageira e começaram a plantar tabaco. “Foi uma época muito difícil”, lembra o casal. Além do trabalho excessivo, a fumageira ditava todas as regras. “Não tínhamos tempo para os nossos filhos – Natal, por exemplo, só podíamos festejar um dia – e não tínhamos liberdade de decidir nem o valor da produção.”

A gota d’água foi depois de um temporal, quando a produção de fumo foi totalmente perdida. “Tínhamos acabado de mudar 37 mil pés de fumo. Com um temporal perdemos tudo.” A associação de fumicultores disse ao casal que indenizaria o que havia sido perdido, mas as dívidas (sementes, insumos etc) ficaram e a produção teria que ser entregue conforme o acertado.

“Acho que foi Deus que mostrou que o caminho tinha que ser outro”, disse Inalda. “Depois disso para cá, nossa vida mudou muito.” Há 10 anos, plantam de forma ecológica, com o apoio técnico do CAPA. Os Peter produzem frutas, verduras, feijão, batata, entre várias outras coisas. Vendem nas feiras e na loja da Cooperativa Sulecológica, no centro da cidade de Pelotas. “Temos tanta variedade de coisas e vendemos tudo, só falta vender o limão”, brinca dona Inalda. “Quem sonhou um dia que a gente iria vender tempero!” admira-se.

Quem sai da casa dos Peter encontra, logo ali no pátio dos fundos, uma grande variedade de árvores frutíferas – tem pêra, ameixa, bergamota, laranja, figo, lima, goiaba... – tem também galinhas, porcos, vacas de leite, flores... Desce mais um pouco e se depara com as parreiras, duas estufas (uma com morangos) e uma horta imensa. Os maracujás azedos crescem livres nas cercas. A seguir, uma grande produção de laranjas e mais para adiante, um campo de milho. “A intenção é produzir durante o ano todo, também as frutas”, esclarece seu Gilberto.

Os Peter fazem parte do Grupo de Agricultores Ecológicos de Remanso. “Quando começamos a feira, a gente pensava – mas como vamos fazer para ter o controle das coisas? Atender os



Alunas da Unioeste coletam dados na propriedade dos Lamb

clientes? Entender de vendas?”, lembrou seu Gilberto. A grande distância entre Remanso e Pelotas exigia um meio de transporte. “Depois de um tempo, decidimos comprar uma Kombi e ficamos várias noites sem dormir, preocupados com a responsabilidade.” Hoje, o grupo está planejando a compra de um caminhão, pois a kombi já não dá conta.

“Não é dizer que estamos ricos”, afirmou dona Inalda. “Mas estamos bem, vivendo com liberdade. Mesmo com todo o trabalho, temos mais tempo para participar em reuniões, ir na igreja, na Ordem Auxiliadora de Senhoras (grupo de mulheres da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IELCB).” Trabalhando na terra,

os Peter criaram seis filhos. “Não foram planejados, mas são uma bênção que Deus nos deu.”

Uma ilha orgânica – Outra propriedade exemplar em termos de biodiversidade é a do casal Herberto e Celi Lamb, em Quatro Pontes (PR). Com dois filhos, Eduard, 12, e Luciana, 3, moram em uma propriedade de 3,6 hectares – destes, utilizam 2,8 hectares para produção de frutas. Para a comercialização, o forte está na produção de uvas, figos, goiabas e bananas; para o consumo da casa, galinhas, porcos, entre outros. “Mudamos para a produção ecológica há sete anos, por causa do veneno. Ouvimos falar no trabalho do CAPA e participamos de uma

reunião”, lembrou o agricultor. O nome da propriedade é sugestivo – Sítio Ilha Orgânica. “Aqui na volta somos os únicos com produção ecológica”, confirmou Celi.

Em 2003, por sugestão da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater), o casal iniciou a plantação de videiras. “A fruticultura, além de dar uma boa renda, tem um custo menor de produção”, esclareceu Herberto. Em 2004, o casal plantou mil pés de figo, 210 pés de goiaba, 635 pés de banana e 30 pés de acerola. Em 2007, plantaram ainda 150 pés de maracujá azedo e 980 pés de mamão – destes, muitos morreram por causa da seca. “Também plantamos pés de goiaba, por sugestão do CAPA e da Emater”, disse o agricultor.

Os Lamb são membros da Associação de Produtores de Quatro Pontes (Herberto é seu presidente), que vende os produtos através de feiras, supermercados e restaurantes. “Vendíamos primeiro em natura, mas agora estamos comercializando geléias, schmiers e sucos”, contou Herberto. Com o apoio profissional do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o grupo decidiu a criação da sua logomarca e dos rótulos para os produtos. “Ninguém tem idéia de como é difícil criar uma logomarca, mas com a ajuda do Sebrae, conseguimos.”

Pela qualidade do trabalho, a propriedade recebe muitas visitas. Também está abrigando experimentos realizados por professores e alunos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

Galinas caipiras são mais resistentes

“Não pode existir agricultor que não tenha galinhas na propriedade”, disse o técnico em agropecuária da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Alceu Maurício Hartleben. Ele é o responsável pelo experimento com galinhas caipiras, realizado na Fazenda Experimental da Unioeste (PR) com o apoio do CAPA. “Temos aqui as raças Plymouth Rock Barrada (carijó), Light Sussex, New Hampshire, gigante negro de Jersey e Island Rhodes Red.

São raças de dupla aptidão, voltadas para a produção de ovos e de carne”, explicou o técnico.

A partir do experimento, já se fizeram alguns cruzamentos (New Hampshire, Sussex e a peçoço pelado), sempre buscando aperfeiçoar a qualidade. “Através do CAPA, repassamos as produtoras para os agricultores, para que esses possam ter galinhas mais resistentes, maiores em tamanho e em produção.” O custo dos pintinhos também é menor do que outros compra-

dos em mercado usual.

“No geral, o plantel dos agricultores é muito fraco”, avaliou o coordenador do CAPA Rondon, Vilmar Saar. “No momento, 25 famílias já receberam novas produtoras e estão animadas com a perspectiva de melhorar a produção”, confirmou.

“A manutenção das raças caipiras também é um desafio para a conservação da biodiversidade”, confirmou Saar. “Estamos apostando nesta parceria com a Unioeste.”

O encontro que festeja a vida

A IV Festa Nacional das Sementes Crioulas, conhecida como *Festa da Vida*, reuniu mais de 30 mil pessoas nos dias 21 e 22 de abril, na cidade de Anchieta, no oeste catarinense. O espaço serviu como local para troca de sementes crioulas, informações, conhecimento de novas culturas, artesanatos e comercialização de produtos. O evento contou com a presença de agricultores e pessoas interessadas de 19 estados do Brasil, além de caravanas de outros países da América Latina, Europa e Ásia. No final do encontro, divulgou-se a Carta de Anchieta (veja nesta página).

A coordenadora do CAPA Erexim, Ingrid Margarete Giesel, falou na abertura oficial da Festa Nacional, no dia 21 de abril. "Existem numerosas e crescentes experiências da sociedade civil em todo o Brasil que vêm construindo e mostrando uma outra forma de desenvolvimento para o campo e também para a cidade através da agroecologia, que tem seu eixo principal na valorização da biodiversidade, no uso sustentável dos recursos naturais e na



Festa das sementes foi precedida pelo Encontro de Formação

geração participativa de conhecimento", lembrou ela.

"As sementes crioulas guardam não só a diversidade genética, mas também a diversidade étnica e cultural. E quando falamos em sementes, também nos referimos a tubérculos como batata, cará, mandioca etc", disse Ingrid. Lutar pela diversidade biológica e étnica é reconstruir a relação afetuo-

sa que as sementes crioulas sempre nos proporcionaram. Ao tocar uma semente preservada pelos agricultores familiares, pelos povos indígenas, quilombolas, é possível sentir a energia da vida que atravessou nossa história. "Neste sentido, estamos nesta parceria com a Via Campesina, Sindicato dos Trabalhadores Rurais na Agricultura Familiar de Anchieta e Pa-

róquia Santa Lúcia."

Atualmente, toda essa diversidade está ameaçada. O plantio das sementes transgênicas compromete o nosso patrimônio genético, cultural e espiritual, assim como nossos sistemas de produção e a soberania alimentar, lembrou a coordenadora. "O CAPA é contra qualquer forma de privatização e controle corporativo da biodiversidade. Não queremos e não precisamos das sementes transgênicas; outras alternativas mais sustentáveis poderão resolver os problemas que a transgenia se propõe a enfrentar e que foram criados pela Revolução Verde. Estamos lutando e continuaremos lutando para que os agricultores familiares tenham direito a uma agricultura ecológica, defendemos a preservação das sementes crioulas e o combate à manipulação, ao monopólio, à imposição das sementes transgênicas e em defesa dos agricultores, que por séculos cultivavam diversas espécies de sementes, animados e fortalecidos pela participação comunitária." (leia o discurso na íntegra em www.capa.org.br)

Carta de Anchieta

Temos como objetivo preservar as sementes crioulas: patrimônio dos povos a serviço da humanidade; lutar pela soberania política, alimentar, energética e tecnológica para as atuais e futuras gerações.

A sociedade foi sustentada por mais de 10 mil anos por diferentes modos de vida dos povos camponeses, garantindo a multiplicação de milhares de espécies e de 80% da produção de alimentos no mundo.

Somos contra

- a produção de sementes transgênicas e de qualquer outra forma de modificação por engenharia genética em plantas, animais e microorganismos com a finalidade alimentar e de produção de matéria prima, porque não trazem nenhum benefício aos povos,
- neste momento, enfatizamos que somos contra a liberação co-

mercial de qualquer variedade de milho transgênico por ser uma ameaça à biodiversidade mantida pelos povos, autonomia na escolha das sementes para cultivo sem contaminação, impedindo práticas e inovações milenares,

- o uso de produtos agroquímicos sintéticos (agrotóxicos, fertilizantes, hormônios, entre outros), porque apresentam efeitos adversos e irreversíveis à saúde humana, aos animais e ao meio ambiente,

- o agronegócio que promove os monocultivos e a destruição ambiental com grandes impactos sociais, ambientais, econômicos, políticos e culturais,

- todas as formas de apropriação da vida como a monopolização das sementes, a biopirataria, a contaminação ambiental e a privatização dos recursos naturais,
- o modelo patriarcal e capita-

lista que criminaliza e reprime as organizações populares.

Defendemos

- a produção de alimentos com base na utilização de princípios e processos agroecológicos,
- um projeto de agricultura pautado na soberania alimentar, na biodiversidade e na defesa e garantia dos direitos dos povos,
- continuar com a livre troca de sementes, conhecimentos e saberes populares e as iniciativas dos povos que são formas concretas de resistência,
- articular e fortalecer a luta das diversas organizações do mundo que buscam a efetivação dos direitos dos povos,
- políticas públicas que contemplem e respeitem a realidade de cada povo.

Estivemos reunidos para pro-

porcionar o intercâmbio cultural dos diversos povos do Brasil, América Latina e de outros continentes, celebrar as conquistas que apontam para um novo projeto de vida e de sociedade.

Por último, damos nosso apoio incondicional e absoluto a todas as organizações sociais que lutam em defesa da vida.

II Encontro Nacional de Formação Camponesa e IV Festa Nacional das Sementes Crioulas. Anchieta (SC), 18 a 22 de abril de 2007.

Mais de 30 mil pessoas pessoas estiveram presentes no II Encontro Nacional de Formação Camponesa e na IV Festa Nacional das Sementes Crioulas, organizados em movimentos camponeses, quilombolas, indígenas, ambientalistas, pescadores, representando diversos países e vários continentes.

Maior diversidade e qualidade na alimentação de kaingang

Desde o ano de 2003, o CAPA assessora índios kaingang acampados no município de Salto do Jacuí, próximo de Santa Cruz do Sul (RS). De 35 famílias atendidas inicialmente, hoje são 55 famílias que recebem apoio técnico. O trabalho é realizado por uma equipe multidisciplinar composta por agrônomos, enfermeira e nutricionista.

O trabalho surgiu a partir de uma preocupação do Sinodo Centro Campanha Sul da IECLB, que percebia que este grupo étnico estava sendo esquecido e cada vez mais perdendo sua cultura. Assim, juntamente com o Conselho de Missão entre Índios – COMIN, iniciou um projeto com as famílias indígenas na área de saúde, alimentação e produção de alimentos ecológicos.

Para realizar este trabalho foi necessário ir em busca de formação para a equipe técnica do CAPA para estudar a cultura indígena, seus hábitos e costumes, com o intuito de entender melhor seu sistema de vida e trabalhar valorizan-



Peso e altura das crianças são avaliados pela equipe do CAPA

do a preservação destes valores.

No início, foi feito um levantamento dos hábitos alimentares, das plantas medicinais utilizadas e dos alimentos cultivados pelos indígenas. A partir daí, foi possível iniciar as atividades, preservando e respeitando os aspectos cul-

turais kaingang. As ações desenvolvidas incluem horta comunitária de hortaliças; lavouras de milho, mandioca e amendoim; horta comunitária de plantas medicinais; acompanhamento nutricional mensal das crianças até 12 anos de idade; cursos de aproveitamen-

to integral dos alimentos; palestras sobre cuidados com a saúde e prevenção de doenças; práticas de farmácia caseira.

O diagnóstico feito no início de 2004 também constatou um alto índice de crianças com baixo peso. Desta forma, iniciou-se um acompanhamento nutricional mensal, que engloba a verificação do peso e altura. Caso a criança estiver em desnutrição ou com risco nutricional, a mãe recebe a farinha múltipla como um complemento alimentar, para restabelecer o peso normal da criança.

Após quatro anos de trabalho, os números demonstram um aumento significativo de crianças que saíram da desnutrição e do risco nutricional estando em seu peso normal. Também pode se observar uma melhora na diversidade e na qualidade da alimentação, uma vez que os alimentos foram cultivados ecologicamente, sem o uso de adubos químicos, agrotóxicos e transgênicos. (Texto: Melissa Lenz, nutricionista, e Grasiela Michelz, enfermeira).

Visita traz novos conhecimentos

"Tudo foi muito interessante, especialmente ver outras propriedades. Fiquei impressionada como eles plantam. Nós temos muita terra plana, eles têm muito morro, muita terra dobrada", disse a agricultora Marlise Kaiser, de Marechal Cândido Rondon (PR). Ela participou da viagem de intercâmbio a Santa Catarina organizada pelo CAPA com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA/Dater). "Foi a primeira vez que me aventurei sozinha, sem o marido", contou, sorrindo.

A viagem aconteceu nos dias 18 e 19 de junho. Além de agricultores de diversos municípios da região Oeste do Paraná, participaram do grupo técnicos do CAPA, da Central das Associações de Pequenos Agricultores do Oeste do Paraná (CAOPA), da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), bolsistas do

Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar) e alunos e professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

Na manhã do primeiro dia, o grupo conheceu o trabalho realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) em Concórdia (SC), no que se refere a suínos e aves – especialmente as pesquisas sobre o *Sistema Intensivo de Suínos Criados ao Ar Livre* e os trabalhos sobre Avicultura Alternativa.

Na parte da tarde, aconteceram visitas a duas propriedades do município de Seara. A primeira, do casal Gilso e Joviana Giombelli, que trabalha há 17 anos no sistema de permacultura. A propriedade tem uma grande variedade de sementes de milho crioulo, trigo, feijão e outras culturas. Também produz quino, parecido com pepino, vendido na feira local com outros hortifrutigranjeiros e farinhas produzidas na própria pro-



Visitas a propriedades foi um dos focos da visita

priedade através de um moinho portátil com sistema de pedras. A família também faz artesanato com grãos e palhas – um trabalho que chama muito a atenção.

A segunda propriedade visitada foi a de Aquilino Deitos, da Associação dos Pequenos Agricultores do Oeste Catarinense (APACO). A propriedade tem cerca de cinco hecta-

res, onde trabalham cinco famílias.

No dia 19 de junho, o grupo assistiu a uma palestra técnica na Universidade Comunitária Regional de Chapecó (Unochapecó) sobre Produção de Leite Orgânico e Pastoreio Racional Voisin, com o professor Luiz Carlos Pinheiro Machado. (Texto: Daniela Petro, engenheira agrônoma e bolsista do Iapar).

Computador – uma peça não tão intocável

Há tempos, grupos de agricultores assessorados pelo CAPA vinham sonhando com o acesso a informática e, por consequência, à Internet, como uma possibilidade de interagir de forma mais direta com o “mundo externo”. A idéia tomou corpo e foi implementada em 2006 junto à Associação de Agricultores Familiares Agroecológicos (AAFA), com acompanhamento do CAPA e de professores e alunos da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), de Erechim (RS).

“Instalamos inicialmente três computadores na associação”, contou o técnico do CAPA em Erechim, Vitor Hugo Hollas. São equipamentos antigos, considerados obsoletos, mas que estão funcionando muito bem. “Estamos usando sistemas operacionais e aplicativos livres, de acordo com a filosofia do grupo.”

Depois de instaladas as máquinas, foram feitos contatos com programas do Governo Federal, buscando-se o apoio para um laboratório de informática e o acesso à Internet. “O grupo recebeu então, por meio da Cooperativa dos Agricultores Familiares Ecológicos Solidários (Cooperfas), uma antena para acesso à Internet via satélite cedida pelo Programa IdBrasil – GESAC, do Ministério das



A agricultora Maria Baseggio já utiliza o computador

Comunicações do Governo Federal. “Estamos buscando recursos para telecentros, prevendo computadores para os grupos e pelo menos mais duas antenas de acesso à Internet”, contou Hollas.

Quantos agricultores estão sendo beneficiados?

Vitor Hugo Hollas – Atualmente

são beneficiados diretamente pelo acesso à Internet a AAFA, composta por cinco famílias da comunidade de Campo Alegre (RS). Com a proposta de avanço do programa, deveremos atender mais duas associações, a AAFLIFLO e a APARG.

O que está sendo utilizado no projeto até o momento?

Hollas – Três computadores antigos com sistemas e aplicativos baseados em software livre, uma rede local conectada à antena que faz conexão com a internet via satélite. Também estamos desenvolvendo um sistema informatizado baseado na web para contribuição na gestão da cooperativa.

Como os agricultores estão vivendo o processo?

Hollas – A expectativa era muito grande, de ambas as partes. No entanto, a resposta positiva dada pelos agricultores superou esta expectativa. A relação é encarada com naturalidade. Após a implantação dos computadores e de pequenos cursos de conhecimento e domínio inicial da informática, os agricultores foram se familiarizando e tendo êxito no uso do equipamento.

Vale lembrar que o projeto sempre foi direcionado para a inclusão, motivado para a contribuição da proposta de desenvolvimento daquelas famílias. Todo o processo foi sendo construído neste sentido, originando sempre idéias que contribuam no dia-a-dia daquelas famílias, seja na administração dos seus empreendimentos, individuais e coletivos como a agroindústria, seja na comunicação externa.

Água foi tema de encontro

“Este projeto é de muita importância, pois nos dá novos horizontes sobre como preservar a vida e a Natureza”, disse Hede Rükert, 66, de Estrela (RS). Hede é uma das mulheres integrantes do Projeto Saúde Comunitária (PSC), do Vale do Taquari, que estiveram reunidas em junho (dia 14), em Teutônia (RS). O encontro contou com a participação de 19 grupos de saúde, assessorados pelo CAPA, totalizando 140 pessoas.

“Onde encontram-se pessoas reunidas, como é o caso aqui, é sinal de que algo importante está acontecendo, que alguma coisa está sendo feita para mudar a rea-

lidade em que vivemos”, confirmou o pastor sinodal da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), Marco Bechert, durante o evento. Já o pastor Leonideo Gaede, mais conhecido como pastor Zeca, destacou a importância do projeto e de todos os envolvidos, tanto assessoria quanto integrantes. “Cada um está fazendo sua parte, colaborando para a melhoria na sua qualidade de vida e das pessoas que nos rodeiam.”

No encontro, além de filmes, debates e momentos de reflexão, o engenheiro agrônomo Rogério Boemeke palestrou sobre o tema: *A natureza está pedindo água*. Fo-

ram abordados a importância da manutenção da água para a preservação da vida e da saúde do meio ambiente e, conseqüentemente, da vida e da saúde humana; aquecimento global e outros. Também foram abordados os transgênicos, o que são e quais as suas implicações para o meio ambiente. Alguns questionamentos importantes surgiram: “Transgênico é ‘melhoramento’ genético. Melhor para quem? O que virá com estes processos de transgenia?”

Ainda, os participantes assistiram a apresentação do Grupo Vozes (Projeto Crescer), de Bom Retiro do Sul (RS). Os instrumentos

utilizados pelas crianças são criados a partir de materiais descartados e reaproveitados. Neste projeto também são trabalhados, com as crianças, assuntos relacionados às questões ambientais e voltadas à preservação.

No encerramento do encontro, os grupos receberam mudas de plantas medicinais para que sejam cultivadas e se multipliquem. O PSC, no Vale do Taquari, trabalha com grupos, formados basicamente de mulheres, questões relacionadas à organização comunitária, alimentação saudável, saúde preventiva e produção ecológica entre outros.

Ainda há esperança

Certo dia uma criança
Toda cheia de esperança
Sentou ao colo do pai.
Sem ódio e nem rancor
Fez o velho lembrar
Os tempos de amor.

A pobre criança sofrida,
Com a alma ferida
Toda encarecida
Pedi para o pai lhe contar,

Lhe contar uma história
Que a criança adorava escutar
Era a história do passado
Desde a infância do seu pai.

O pai, com lágrimas nos olhos,
Começou a recordar
“Era uma vez, meu filho,
um mundo cheio de esperança,
com água em abundância
que nunca se pensou faltar.

Lembro-me ainda menino,
Correndo pela relva mata adentro,
Brincando na cachoeira
Com os outros moleques.

Não tínhamos problemas
Vivíamos só o presente
Éramos contentes
E nada nos abalava.

As pessoas eram saudáveis
Não se usava tudo descartável
Por não ter água para lavar.

A vida era uma beleza,
Vivíamos perto da Natureza
Brincávamos com os pássaros
E com os outros animais.

A mata era enorme
Os rios eram cheios
As árvores eram tão grossas
Que precisava de muitos de nós para abraçar.
A água limpinha que dava para se espelhar.

O ar era puro,
Era tão bom respirar.

Mas tudo foi mudando, meu filho,
Precisavas estar lá.
Foi uma tristeza só.
No momento uma alegria,
Mas hoje com o reflexo de tudo,
De tudo o que o homem fez?

Destruí a mata
Coitados dos animais – tiveram que se mudar
Mudar para onde?
Eram raros os lugares
Onde ainda não havia devastação
Pois a cobiça foi tanta
Que esqueceram de ter Deus no coração
Colocaram a mata no chão
Para fazer fazendas, lavouras,
Fábricas, tudo uma poluição.

Foi ficando muito vazio,
As pessoas se mudando,
Vendendo o que tinham
Para ir para os grandes centros.



A inspiração de uma jovem agricultora

Nilza Moreski é uma jovem agricultora de 17 anos que mora em Verê (PR), com os pais Nelson e Maria Gessi (Nilza tem cinco irmãos – Nilson, Cleonice, Cirino, Fabiano e Evandro). Por ocasião da Semana do Meio Ambiente, atendendo a uma tarefa de escola, escreveu a poesia aqui reproduzida – que fez o maior sucesso! “Gosto muito de ler e tenho facilidade de escrever”, contou ela. “Tenho muita esperança de termos um mundo melhor, se cada um fizer a sua parte, diminuir o lixo, cuidar da Natureza.”

A tecnologia evoluiu tanto
Mas não conseguiram
Descobrir um meio
De se acabar com o aquecimento global,
Que aumenta desenfreadamente.
Não sei até quando vai existir gente,
Para contar estas histórias.
Você, meu filho, está vivendo,
A tristeza do presente
Olhe para a frente
Na calçada,
Crianças brigando por um copo d’água.

Tudo é imundo
Tudo é descartável
Tudo é sem graça
Tudo é muito triste
Sem água para viver

Sem falar de quanta gente
Gente que morreu
Debaixo da água
Pois as montanhas derreteram.

Tanta população,
Pedindo um copo de água.
Ela é tão cara!
É quase impossível comprar.
Há tantas guerras,
Guerras por coisas da Natureza,
Que no meu tempo
Era tudo de graça,

Tínhamos o maior tesouro do mundo
Mas não soubemos preservar

Não por falta de aviso,
Mas por não querer escutar.”

O pai, com lágrimas nos olhos,
Não conseguiu prosseguir.
Mas o filho muito querido diz:

Pai, para que chorar? De que adianta?

E o pai ainda lhe diz:
Filho, sou um infeliz,
Por não ter cuidado da Natureza,
Faço parte da geração vergonhosa
Que acabou com tudo
Sou um dos que ainda resta
Mas estou sofrendo muito
Em ver tudo como está
Sei que desculpas
Não vão adiantar
Não vão amenizar
Mas estou muito arrependido.”

Depois de dizer tudo isso,
O pai, de tanto desgosto da vida, morreu.
A criança sem saber o que fazer,
Nunca deixou de ter esperança
A esperança de ver um mundo melhor
De voltar a ser como era
Na história da infância do seu pai.